


GLÁUCIA LEMOS

*O Canto*  
em que me sondas

poesia

 mondrongo

*Sobre um poema nunca há nada a se dizer. Deseja-se que seja amado, se for possível.*

Cecília Meireles  
In: Prefácio de "Cartas a  
um jovem poeta" Rainer  
Maria Rilke, Ed. Globo, 1953

*O Canto*  
em que me sondas



Gláucia Lemos

*O Canto*  
em que me sondas

 **mondrongo**

1ª edição - Bahia / 2022

Nenhum trabalho pode ser medido pelo tamanho da empresa que o executa, mas pela coragem e confiança no que faz. É assim que, inspirados pela máxima pessoana, “põe quanto és no mínimo que fazes”, trabalhamos cotidianamente oferecendo ao leitor livros de qualidade e respeitando o autor naquilo que ele tem de mais sagrado: os seus sonhos.

[www.editoramondrongo.com.br](http://www.editoramondrongo.com.br)

2022, *O canto em que me sondas*

Gênero: Poesia

Copyright © Gláucia Lemos

Copyright © Mondrongo

Capa e diagramação: Ulisses Góes

Editor e revisor: Gustavo Felicíssimo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP**

L557c Lemos, Gláucia.

*O canto em que me sondas* / Gláucia Lemos. – Itabuna, BA: Mondrongo, 2022.  
88 p. ; 15 x 22 cm.

ISBN 978-65-80066-95-7

1. Literatura brasileira. 2. Poesias. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

CDD: 869.917

**Bibliotecária responsável – Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171**

Todos os direitos reservados

**MONDRONGO**

Rua Pernambuco, 334, Apto 102,  
Centro | Itabuna (BA) | CEP: 45.605-510

73.98842.2793 (Whats App)  
[editoramondrongo@gmail.com](mailto:editoramondrongo@gmail.com)

*AGRADECIMENTO*

*A Ana Lúcia  
Ana Liése  
e Leo.*

*NA SAUDADE  
A Ana Marise  
e Gleí Mário*

*“Porque (poesia) é inevitável!”*

João Carlos Teixeira Gomes - Joca.

Poeta, jornalista, escritor, membro saudosos  
da Academia de Letras da Bahia



## Sumário

Os caminhos.....	11
Do coração.....	13
Água.....	15
Penumbra.....	17
Salomé (versão 2).....	19
Nuvens de novembro.....	21
Olhos de tigre.....	23
Confidência.....	25
Imponderável.....	27
Os pombos.....	29
Credo mais ou menos profano.....	31
Fragmento.....	33
Ainda bem que ainda.....	35
Vazio.....	37
Catedral.....	39
Borboletas.....	41
Silêncio sem nome.....	43
Das velas.....	45
Canto do encanto.....	47
Versinhos na varanda.....	49
De ocasos.....	51
Maré baixa.....	53
A viagem.....	55
Olhos.....	57
Gazel do barco pequeno.....	59
Se te amar não fosse.....	61
Sem sentido.....	63
Sabor de mel.....	65

Persona.....	67
Os girassois .....	69
Ternura.....	71
Do domingo.....	73
De um instante.....	75
Beethoven .....	77
Das lembranças e saudades .....	79
De pequenices .....	81
Ao canto na varanda.....	83
Soneto do quase nada.....	85
Ser silêncio.....	87

*O Canto*  
em que me sondas



## *Os caminhos*

Temos sempre que ir  
Às vezes sem escolher o caminho.  
Em todos eles há pedras  
há travas, há riscos, há vielas,  
E em todos há que haver silêncio.  
Há de se entender que andar é difícil  
ainda que se vá sem mapa e sem guia,  
Que se ande para usar a paisagem,  
Que se pise porque os pés  
tomaram a direção e impõem  
os nossos próprios passos.  
E se caminhe pelo prazer simplório  
de molhar os pés na poça proibida.  
Quanto mais silêncio mais certeza  
de que se segue para explorar a vida  
para não sentir que a viagem foi vã.  
Por um novo pôr de sol  
uma nova manhã,  
um novo sorriso,  
uma nova coragem,

Um novo nada, nada a se querer,  
a se dar ou pedir.  
Nada mais que um pedaço de vida  
a se esconder  
entre os muitos silêncios  
que guardamos à toa  
antes de morrer.

## *Do coração*

Os braços da minha mãe eram-me berço.  
Os braços do meu pai me eram trono.

Desfez-se um dia a era do reinado,  
e a vida honrou o embalo do meu berço.

Palavras do meu pai eram-me beijos,  
dos lábios da minha mãe ganhei verdades.

Do trono extinto uma saudade vela  
a gratidão ao berço que me guia.





## Água

És como água  
poço do meu sossego.  
Sinal da aliança  
em vertente ou falésia.  
Tua boca  
em luas de enchente,  
paz da minha paz.

És como água,  
necessário e sabor.  
Mistério de chuvas  
maduras-me sementes  
e floresces em pomos  
nos temporais sagrados  
da minha poesia.



## *Penumbra*

Depois do dia na exaustão das horas  
as palavras dormem.

Feçam-se os livros,  
orações repousam.

Os olhos guardam  
a letra anoitecida.

Cala-se a frase  
no lábio dormido.

Não te escutei na sílaba mais simples  
do meu nome.

Quem te viu, eu não sei.

Não sei quem leu  
o derradeiro conto  
do derradeiro livro,  
em uma noite final.

A penumbra mente  
risos de esperanças,  
enquanto eu sonho  
para sobreviver.



## *Salomé (versão 2)*

Faço a ronda da noite nos teus passos.  
Nem sabes que onde a noite te celebra  
eu, peregrina, por tua alma habito.

Quando se esgarça a sombra na neblina,  
quando a luz dorme e rompe-se a cortina  
da solidão no trâmite infinito,

revejo a cicatriz então de um beijo,  
e a marca de batom que foi contigo  
na noite do destino.

E eis que vem dançar lúbrica a saudade.  
Tua boca me sorri numa bandeja  
ao som de um tango argentino.



## *Nuvens de novembro*

Cada manhã é manhã diferente  
entanto todo novembro  
- se bem me lembro -  
é mais calor e nimbus  
acolchoando o céu.

Todo novembro  
pombos brincando de avião  
frente à minha janela.  
Irresponsáveis fugidias nuvens,  
sopros volúveis,  
aos sopros do vento.

Aonde vão as nuvens viajeiras  
a deformar a cada mudança  
do meu olhar?  
Aonde vão?

Como o teu coração cheio de nuvens  
a trocar formas de si, hora por hora,  
e indo embora

ao sopro do vento.

E as nuvens de novembro  
aonde vão?



## *Olhos de tigre*

Lembro-me de que jamais disse  
que te amo.

Não me olhes  
com tais olhos de ocaso  
como se tivesses apagado  
todos os sóis dos horizontes.

Volta a me olhar  
com o tigre nos olhos!

Nessas horas Deus desperta dos seus sonos  
e brinca de fazer novas estrelas.



## *Confidência*

Falo de solidão.  
Dama que não conheces.  
Dama que me ironiza  
e turva tantas noites.  
Guilhotina a gargalhar  
à minha face.  
Nunca tiveste o espaço  
ensombrecido  
pelo só ser silêncio.  
Não sentiste num riso de festejo  
um pejo  
de chaga que se guarda.

Tanto me tarda à pele  
a tua luz no beijo!  
Tanto ao ouvido tarda  
o canto em que me sondas!  
Mas longe,  
sempre longe, os teus cabelos  
brancos, brancos, brancos.



## *Imponderável*

Há um canto de amor nos lábios da manhã.  
O sol não sabe e arde,  
no entanto eu amo.

Com aquele amor passado no refino  
que o tempo ensina  
às criaturas puras.

Aquele amor parecido com as cores  
que Deus pintou na asa das borboletas,  
sem nem pensar porquê.

O amor do girassol que, ao fim do dia,  
quando a luz dorme e a viração esfria,  
curva-se para o outro girassol.  
Só Deus sabe porquê.

- O amor sutil tem a alma de Deus.



## *Os pombos*

Quando a meus olhos se desenham  
os vôos friorentos  
dos pombos das manhãs,  
sobeja uma ansiedade  
vestida de silêncio.

Vem do meu não saber  
dos perdidos domingos,  
dos rostos, das presenças, das palavras,  
dos sons do piano  
nas tardes da infância.

E eis a marulhar no agito dos meus mares  
as perdidas perguntas,  
e o rumor das memórias.





## *Creio mais ou menos profano*

Creio  
na corda que ao cais  
amarra o barco.  
No nó a interromper  
seguir-se a linha.  
Na amêndoa aberta  
a irromper da terra.  
Na pureza da água  
ao brotar da pedra.  
Na palavra exata.  
Em duas mãos unidas.  
No rodar da lua  
cirandando o sol.  
Na alma sem idade,  
No amor sem tempo.  
Na sede latente  
ao coração da rosa.

Creio  
na cruz do martírio

nos braços do Homem.  
Nos passos de Hoje  
como último dia.  
No olhar confesso  
destes olhos tristes  
a cada dor guardada.

## *Fragmento*

Meu poema é poema  
quando me torna possibilidade  
do impossível.

Quando o sinto inútil  
ante só o colosso do infinito  
que me olha  
acima das minhas grades.

Só assim ele é verdade e canta,  
quando me sinto ser  
de um simples gesto  
daquele que não sabe que me tem.



## *Ainda bem que ainda*

Ainda bem que um dia nos achamos  
como outros que se acham pelo mundo.  
Descobri o sol nascendo no teu rosto,  
viste a estrela maior no meu sorriso.

Ainda bem que rimos tanto de bobagens,  
e nunca nos magoamos por palavras.

Ainda bem que separamos sem paixão  
e sem nada havermos dado, devolvemos.

Bem podíamos ainda nos achar  
como outros que se acham pelo mundo.



## *Vazio*

E eu sou só ausências.

Apenas te veria outra vez  
ali mesmo, a um ângulo da vida.  
Ou aqui nesta sala vazia de palavras,  
na hora mais esquecida das canções.

Viesses aqui,  
onde apenas pulsa um arremedo de vida  
no coração de uma rosa amarela.

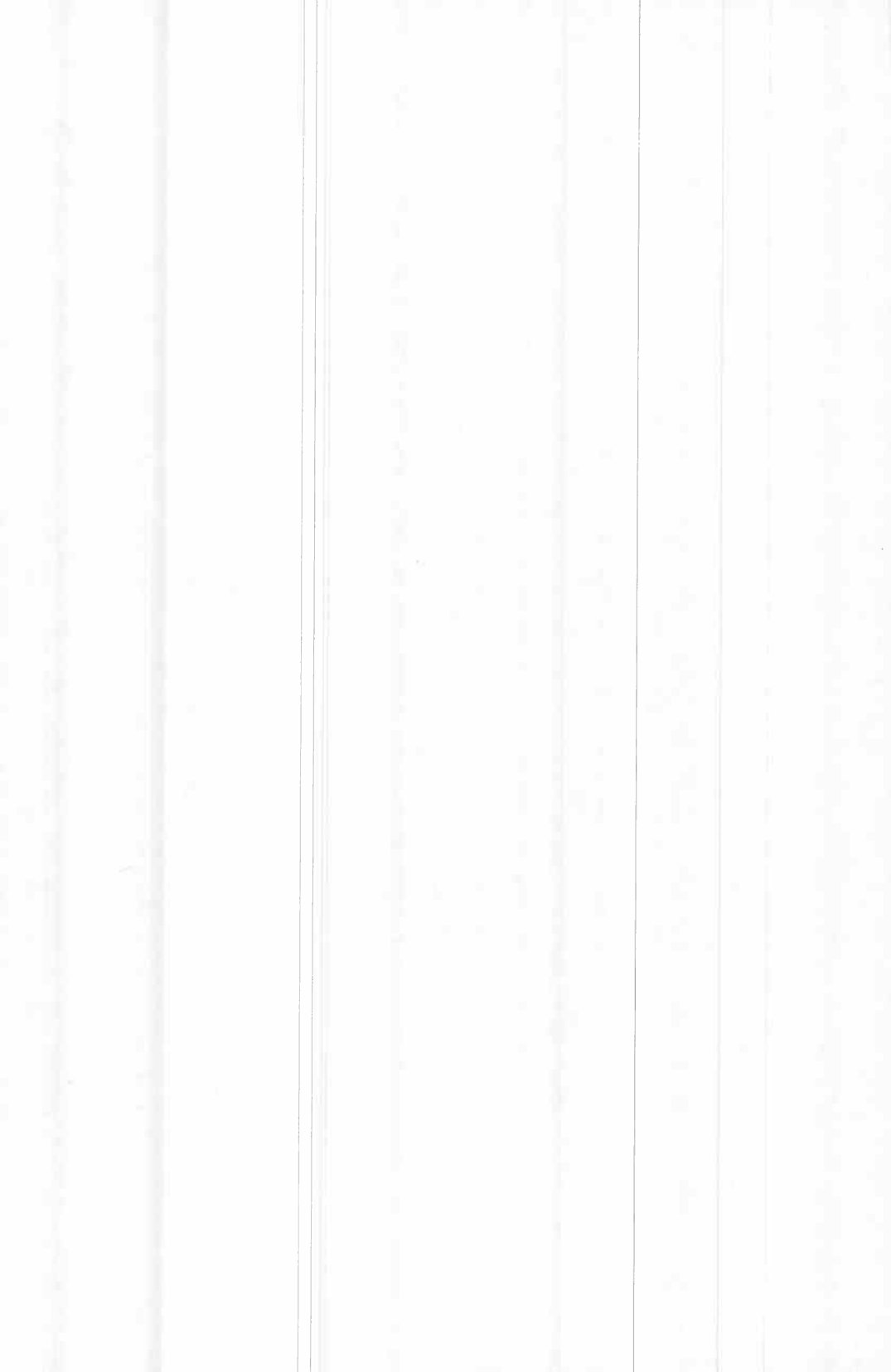




## *Catedral*

Roubam meu deus, meu corpo  
minha hora do sono.  
Meu sangue roubam. E ruem  
as sílabas sutis da minha prece.  
O riso e o vigor que remanescem  
rompem a fio, desfazem-nos em febre.

Só não podem roubar este meu rumo,  
este travo no dente que me impele,  
esta trilha tatuada em minhas veias,  
este poder de ir de olhos vendados  
e retomar o passo após o risco.  
Só não podem roubar esta certeza  
de que sou como o ímpeto dos rios.  
Só não podem secar-me a correnteza.



## *Borboletas*

A poesia morreu  
quando os azuis dos olhos que amei  
viraram borboletas  
e se perderam  
na escuridão da noite.  
Porque era noite.  
A primavera dormia  
e não sabia  
que no turvo das noites  
roubavam-me os meus azuis  
as borboletas.



## *Silêncio sem nome*

Será que dormes?  
Penso tua alma esvoaçando informe  
a flutuar sem sonhos.  
Quero asas. Ainda em um sopro  
pretender voar  
sobre a serenidade do teu rosto.  
Aonde irás na inconsciência do teu vôo  
e na cegueira do meu pouco entendimento?  
Saberás se dormes... Se já não sonhas,  
se não ressona a absurdidade do teu sono...  
O meu silêncio turvo de só dor  
Imensa, intensa dor!  
Fez-se um olho em vigília  
a tentar te entender na tua noite.  
Vigia tua distância sem resposta  
o silêncio mais fundo  
a habitar  
minha alma vazia de paz.



## *Das velas*

Acostumei-me à solidão das velas  
vendo-as queimarem derretidas. Elas  
que nem entendem serem solitárias  
de si só sabem se saberem velas.

Eis-me a sentir-me como irmã das velas  
a incinerar as ilusões vulgares.  
Subo em seus fumos, desfaleço nelas  
qual desfalecem elas nos altares.

Velas que apagam. Velas que vejam,  
sejam de preces, ou de mares sejam  
louvem a deuses, ou desfraldem belas,  
há sempre adeuses acenando nelas.





## *Canto do encanto*

Chegam a mim quando chegas  
as achegas do meu verso.  
Vê como brilham centelhas  
onde me espelham teus olhos.

De tão comprida uma estiagem  
na segredagem do lábio  
floram lírios e açucenas  
na umidade destes beijos.

Ouve a berceuse nos braços  
onde o teu abraço embalo!  
Ouve! Já canta o meu poema  
na métrica dos teus passos!



## *Versinhos na varanda*

Sou feita de carne e nuvem.  
Nesta varanda amarela  
faço versos e olho a rua.

Às vezes penso bobagens,  
que lá do alto da paisagem  
olham-me os olhos da lua.



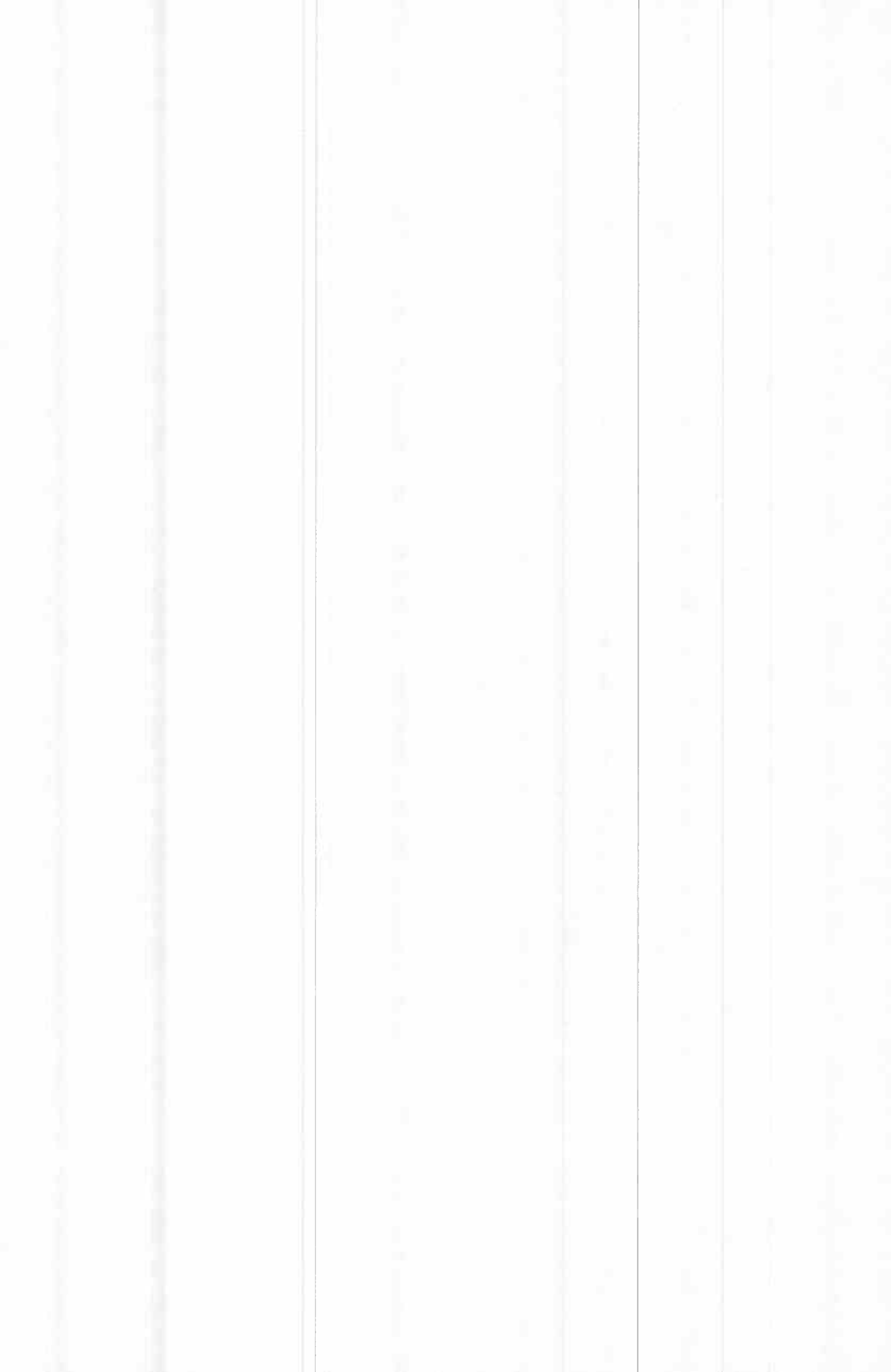
## *De ocasos*

O fim do dia a repetir-se igual.  
O anjo pintor nas cores de um vitral  
recria ocasos da amplidão eterna.

Então boceja por cima dos montes.  
E enquanto apaga o sol nos horizontes,  
na lua branca acende uma lanterna.

Mergulha o dia a além das águas frias.  
O sono cala as águas das baías,  
uma ou outra espuma, acaso, ainda flutua.

Da cor do meu vitral restam-me traços.  
Os que apagaram sois dos meus ocasos  
nunca lembraram de acender a lua.



## *Maré baixa*

Nunca mais coube o amor  
numa jangada.  
Numa onda flácida  
afogou-se a vida.

Nunca mais verso doce  
se escreveu.  
Na praia úmida  
uma alga da vazante  
reza uma lenda  
de sonho  
que morreu.





## *A viagem*

Eu sigo a minha trilha.  
O humano oceano espuma em torno,  
e eu escolhi ser ilha  
em mar sem porto.



## *Olhos*

Deus não fez novos lagos  
Depois daqueles olhos.  
Nele depôs cifrados os segredos  
que os oráculos maiores só traduzem  
aos seres escolhidos.

A última vez que Deus falou de Amor  
tinha naqueles olhos concentrados  
os seus olhos de deus.



## *Gazel do barco pequeno*

Ao mar fez rumo e destino  
frágil barco pequenino.

Arrojou-se aos horizontes  
na inocência de menino,

a empenhar-se em mar bravio  
turva noite ou sol a pino.

Ai amor! Cedo afogou-se  
a ilusão do meu destino.

Por que amei sonho tão grande  
em barco tão pequenino?



## *Se te amar não fosse*

A solidão aguça o olho da noite.  
Rola no tempo o tédio da amargura.  
Ah! Se te amar cantasse uma alegria,  
de mão a deslizar em suave colo,

se fosse como luva acetinada  
que envolve a mão de que eu seria a luva  
a te vestir na exatidão precisa!  
A mão serias tu, e nosso o gozo.

E se te amar um látego não fosse,  
grande seria o festejar das bodas,  
no abraço a unificar um mesmo anseio.

Ah! Se te amar não fosse como um cardo!  
Como horizonte turvo, como um gume!  
Como morrer de sede olhando um rio...





## *Sem sentido*

A madrugada vem a espreguiçar-se  
pelos indícios dos rumores surdos.  
Então emerge manso um outro dia  
do ventre vítreo da vencida noite.

Um cirandar se cumpre em novas horas.  
A áurea medalha medra ao meridiano  
e após, a esfera em talco das noturnas.  
Então se há que viver o eterno ciclo.

Inútil esta alternância dos destinos.  
Passo após passo em afiado fio  
do chegar ao partir.

Nunca saber, neste arrastar dos rastros,  
elos de dores, solilóquios, nada,  
qual o sentido, enfim, para seguir.



## *Sabor de mel*

Guardo de ti o canto da alegria  
e o manto da incerteza.  
Neste sabor de mel, melancolia  
mesclada de beleza.

Guardas de mim, decerto, a fugidia  
face da timidez.  
Ou de mim nada guardes de valia,  
nem me guardes, talvez.

O pé do tempo é breve. É como o aceno  
fugaz de um pôr de sol. Tudo é pequeno  
nas mãos da vida, enfim.

Sempre dizes “te amo”. Mas, não me amas.  
É tão fugaz o crepitar das chamas!  
No que vou crer, eu que mal sei de mim...



## *Persona*

Não há como negar-me a tua loucura  
pois que te sentir pura me é culpável.  
Escondo-te a charola em escura trilha  
que a cilha da amargura impõe de resto.

Beijo-te o beijo qual amante impura  
que em ti procura um confortar da sorte.  
Nasceste em mim em tal xipofagia  
que és a mesma agonia que sou eu.

Minha Monja Saudade! Hoje a Persona  
grega me assomas a meu rosto adulto.  
Nela me oculto, em cênicos esgares.

Hoje mais que ontem, mísera me talhas.  
Soluças nas migalhas do que sinto,  
e eu te desminto, sem poder negar-te.



## *Os girassóis*

O meu tendal dos girassóis dourados  
era o mais claro dos jardins da terra.  
Quando o sol se elevava engalanado  
escancarava em luz minha janela.

E quando o sol deitava no sombreado  
do recorte dos montes e das serras  
toda a altivez dos girassóis dourados  
curvava em sono as faces amarelas.

Era assim de ouro o encanto dos meus dias.  
À luz – os girassóis nas cercanias,  
À noite escura – os girassóis pendentes.

Como assim foram os olhos que me amaram.  
Dois girassóis que a vida me alumiarão,  
até que anoiteceram para sempre.





## *Ternura*

Um soprar de suspiro  
um som longe de flauta  
um vacilo na voz  
ao roçar de uma face.

A cor de ouro do ocaso  
a dourar uns cabelos.  
Doce ousar de um carinho  
desvelando segredos.

No gestual de um abraço  
um desejo discreto  
e um olhar de verdades.

Uma trôpega frase  
um sorriso incompleto  
e um depois de saudade.



## *Do domingo*

Um roupão amarelo. Um livro aberto.  
um anjo de bronze a sustentar a luz.  
É a noite de um domingo. Um gênio em alerta  
no show da solidão compõe um blues.

Há um edredon de madras escocesas  
e o silêncio normal aos fins de história.  
Nada mais que sarcásticas certezas  
de que nada ficou mais que memória.

Banal, mero cenário domingueiro.  
De fora a luz de néon fere a vidraça,  
e traça abstrações no travesseiro.

O vento treme alguma esquadria lassa,  
e é o derradeiro som. A noite esvoaça  
a acompanhar ciranda dos ponteiros.



## *De um instante*

Viveu em mim como um brotar de rosa,  
prelúdio medieval em chama suave.  
Esvoaço de asa clara. Pássaro, ave  
em giros de intenções pecaminosas.

Povoou-me envolto num aromal de rosas  
não mais que lento instante. A ave canora  
mal celebrou, já perjurou-me as horas  
e as esperanças de manhãs formosas.

Lançou-se breve no horizonte a fora.  
Num vôo ensombreceu a luz da aurora  
e em fios de fumo se esfumou distante.

Habitam-me ora, só visões, silêncios,  
Resquícios ralos de alfazema e incensos,  
reminiscências de um sutil instante.



## *Beethoven*

*A minha filha Ana Lúcia no aniversário de 2020*

Escuta! É a Sonatina de Beethoven!  
Fecho os meus olhos. Sinto-a na minha alma  
e nisso eu ouço o que só poucos ouvem,  
a pacificação que suave espalma.

Há sutilezas de tranqüilo esvoaço  
de algum par de asas de ave pequenina  
visitando a leveza dos compassos,  
como as tangessem tuas mãos de menina.

Banha-me então luz de ouro das matinas  
desabrochando flor. Véus de opalina  
descem-me sobre a vida e tudo envolvem.

Deus ouve quando a melodia salma.  
Fecho os meus olhos a embalar-me na alma  
a paz da Sonatina de Beethoven.





## *Das lembranças e saudades*

Buscar a perda é semelhante às vagas  
buscando areias nas vazantes. Como  
aos vendavais ver luz nas noites largas,  
ou estrelados céus nas tempestades.

Sempre virá penumbra à claridade,  
e chuva a lacrimar regando o pomo.  
O escuro a pôr seu véu à alacridade  
da luz do sol no colo do horizonte.

Reclina, pois, teu coração e a fronte  
às fadigas da vida onde, ao assomo  
de uma esperança, sobreviva a voz.

E enquanto for seguindo o passo andante,  
costura essas lembranças e saudades  
dos que, colhendo estrelas, vivem sós.



## *De pequenices*

Era um girassol em ouro  
visto no ouro do sol posto.  
Era um olhar vestindo azul  
me espionando na vidraça.

Era ser rosa dos ventos.  
Era ver ventos nas velas,  
como um barco de origami  
singrando algodão de espumas.

Era um banco onde esperava.  
Cultivava sempre-vivas  
no canteiro de esperanças.

Éramos pouco, E era tanto!  
Ter tanto do amor, sem nada.  
era ser, quase não sendo.



## *Ao canto da varanda*

A luz rasgando a gaze da neblina  
passa entre as folhas no infiltrar sutil.  
Vai a enlaçar jibóias dançarinas  
no seu trançado às barras do gradil.

Mais ao alto do muro, a samambaia  
joga renda comprida, recortada,  
como babados de ondulante saia  
sorrindo ao sol que a banha iluminada.

Festa de luz ao canto da varanda,  
no qual penumbra e luz fazem ciranda  
na erva do chão, na rama da açucena.

E a luz a ir-se à rotação do dia  
deixa do curto instante da euforia  
breve, a efemeridade de algum poema.



## *Soneto do quase nada*

Eu preciso de tão pouco!  
De quase nada, tolices.  
O som de um pistom na noite  
e uma tela de Matisse.

Dá-me o ar cheirando a alfazema  
das capelas pequeninas,  
com santos feitos de barro  
e luzes de lamparinas.

Dá-me a maré na vazante,  
com os pés na areia molhada  
até as sombras do sol posto.

Eu preciso de tão pouco!  
Basta um par de mãos nas minhas  
e um doce beijo no rosto.





## *Ser silêncio*

Deixa-me estar neste silêncio de ilha,  
no turvo das marés adormecidas.  
Nem tu que tentas recompor-me as trilhas  
das naus que em velhos tempos hei perdidas,

entenderás, oculta em meus disfarces,  
saudade de visões ontem vividas.  
Jamais poderás ler-me nestas faces  
marcas da muita perda outrora havida.

Deixa alongar-se em solidão o espanto.  
Não mais prazer ou dor, mudez ou canto.  
No nada haver, ampliou-se o ser silêncio.

Deixa-me estar, pois, afinal, é tarde.  
E nem tua voz, vencendo a soledade,  
me preencherá neste vazio imenso.



literatura brasileira de excelência

[www.editoramondrongo.com.br](http://www.editoramondrongo.com.br)



mondrongo

Impresso para a Editora Mondrongo em setembro de 2022 no formato 15 x 22, em papel Pólen Bold 80 gr no miolo e Cartão Supremo na capa. As fontes tipográficas usadas foram a Arial, Garamond, Imagine Font, Minion Pro, Tabarra Black e Times New Roman nos títulos e no conteúdo.



Gláucia Lemos é baiana de Salvador. Tomou posse na Academia de Letras da Bahia em 2010. Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador (Ucsal) e pós-graduada em Crítica de Arte pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com especialização em Estética. Também estudou música e arte e lecionou História da Arte e Estética na Escola de Belas Artes de Maceió, Alagoas. Sua obra já foi premiada e distinguida diversas vezes e este “O canto em que me sondas” é o 43º livro da carreira da escritora, o 4º pela Mondrongo. É filiada ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e foi a escritora homenageada em 2019 pela FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira.

E eu sou só ausências.

Apenas te veria outra vez  
ali mesmo, a um ângulo da vida.  
Ou aqui nesta sala vazia de palavras,  
na hora mais esquecida das canções.

Viesses aqui,  
onde apenas pulsa um arremedo de vida  
no coração de uma rosa amarela.

(Vazio, p. 37)

978-65-80066-95-7



9 786580 066957